

UM PERCURSO DOCENTE EM ESCRILEITURAS: ESTILO DIDÁTICO EM VARIAÇÃO

JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ¹; CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste trabalho percorre caminhos da docência enquanto temática educacional. Buscamos rastrear, cartograficamente (DELEUZE; GUATTARI, 1995), uma experimentação realizada com professores em formação inicial e continuada, no encontro daquilo que diz de uma prática pedagógica em variação e das constituições subjetivas de uma professoralidade em transformação.

Tal propósito se justifica pela inquietação denotada na produção realizada pelos participantes da Oficina *Conatus*, em que disparam elementos para discutir a respeito da docência a partir de novelas radiofônicas criadas no agenciamento de diferentes matérias literárias, filosóficas e científicas. O problema da pesquisa vem atrelado ao movimento lançado pelo “objeto” *escreleituras*, dissolvendo-se como um fluxo que nos põe a caminhar. Trata-se de pensar a questão do estilo, não somente literário (daquilo que escreve um docente), mas em termos didáticos (o que é posto em variação na sua prática), que se “dá” em meio à vida, nas minúcias e microrrelações de um cotidiano escolar. Há variações? Há composições? Há estilos? Em que isso (variação, composição, estilo) dinamiza o exercício docente na sua experimentação em *escreleituras*?

Trazemos a contribuição teórica da filosofia deleuze-guattariana com o conceito de estilo (DELEUZE, 1997; 2010), (DELEUZE; PARNET, 1995; 1998), (DELEUZE; GUATTARI, 1995; 2014). Observamos que é tratado a partir de dois aspectos: o primeiro refere-se à possibilidade de destituir uma ordem preestabelecida na língua pondo a variá-la de modo que se crie, no próprio idioma, uma língua estrangeira. O segundo aspecto refere-se a um modo de levar a linguagem até um limite, produzindo uma espécie de música, outro idioma estrangeiro na língua materna. Para tal ação, há de se ter uma necessidade que move sua produção.

Deleuzianamente falando, o estilo vem do desejo de devastar o significado em detrimento do sentido, ao criar novas sintaxes. Consideramos esta sintaxe um componente do sistema linguístico que determina as relações formais de construção das frases a partir da composição de palavras. Coloca em variação uma determinada estrutura. Na docência, pensamos esta relação a partir dos elementos que determinam modelos que atribuem uma forma na ação do professor em sala de aula, como a utilização de livros, métodos didáticos específicos; o seguimento a uma sequência lógica, de complexidade na utilização e no desenvolvimento de conteúdos disciplinares; como agir e pensar sua prática. Buscamos, dessa maneira, movimentar o referido conceito para o problema desta pesquisa, reterritorializando-o para o campo da Educação.

2. METODOLOGIA

Escrever o método põe a falar daquilo que estamos em vias de aprender. Não se trata apenas de descrever etapas de um desenvolvimento, mas tecer os

caminhos do cultivo e refinamento necessários para o crescimento da pesquisa (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012). A Oficina *Conatus*, enquanto uma intervenção em escrituras (CORAZZA, 2011), aconteceu cinco vezes (5 edições) e com diferente público docente¹. Tratava-se de uma proposta de experimentação de escrita-leitura a partir de matérias literárias (A metamorfose de Kafka; O discurso do urso de Cortázar; Mania de explicação de Adriana Falcão), filosóficas (conceito de *Conatus* para Spinoza; Eterno retorno em Nietzsche) e científicas (a Educação e a [trans]formação docente). Mediante estas matérias, os docentes criaram personagens e gravaram cenas em formato de novelas radiofônicas.

Tais arquivos, constituintes do acervo do Projeto escrituras (CORAZZA, 2011), estão servindo para a composição cartográfica do método, de modo a dar forma e conteúdo à expressão analítica vindoura. O que nos possibilita compor, também, com paisagens, personagens e cenas na escrita da tese, ao adiantar velocidades, imprimir ritmos, escapar de significações e interpretações mansas.

Traçamos o desenho de mapas extensivos, que dizem de uma trajetória vivida na experiência das intervenções. O primeiro mapa desenha pontos e seus percursos diante das matérias oferecidas na Oficina. Já o segundo mapa diz de rastros capturados das 15 novelas realizadas como proposta de escritura. Como chegamos a esta configuração de mapas? O primeiro mapa, das matérias, surge desde a busca às atas de reuniões do Núcleo UFPel do Projeto Escrituras, da dissertação de mestrado de SILVA (2014) e de um dos cadernos de anotação em que registramos o movimento criador das edições (planejamento e realização) da Oficina.

Em um plano extensivo, escrevemos o nome de cada uma das matérias utilizadas como agenciamento. Para cada edição, desenhamos um mapa, onde traçamos linhas do movimento com que cada uma das matérias foi sendo oferecida e o modo como fomos variando-as em sua apresentação: intercalando-as com as paradas para o escrever-ler, inserindo outras matérias neste intervalo ou, até mesmo, deixando algumas de lado. Esse percurso proliferou linhas de um segmento didático. Experimentamos modos de fazer, modos de escrever-ler, na busca por aberturas para que algo pudesse passar, atravessar os discursos já instituídos sobre o comportamento e a saúde dos professores naquela circunstância.

A segunda composição de mapas, o das novelas radiofônicas, surge da escuta da gravação das novelas e da leitura da transcrição realizada de cada uma delas. Esta tarefa fortaleceu a captura de 14 rastros que suscitaram em nós, pesquisadoras. Alguns deles surgiram em função da temática propositora da Oficina como *doença*, *vida* e *eterno retorno*. Outros, do próprio ato de criação, onde os participantes surpreenderam ao trazer tais elementos: *riso*, *som*, *olhar*, *nome próprio*, *potência de criação*. Houve rastros que não passaram da repetição de um queixume desmedido percebido antes mesmo das Oficinas acontecerem: *desprestígio social*, *segurança*, *transformação da Educação*. E, também, aqueles que, simplesmente, saltaram aos nossos ouvidos como discurso maior, uma temática nova que surgia ali: *esperança*, *repetição*, *machismo*.

Assim, todos estes escolhidos foram dispostos numa folha. Linhas foram sendo traçadas de cada uma das novelas conectando pontos de cada rastro capturado. A lista de rastros favoreceu sua distribuição, de modo que as linhas

¹ A 1ª edição foi oferecida ao Sindicato dos professores (2012). A 2ª (2013), 4ª (2015) e 5ª (2016) edição, aos estudantes em formação na Faculdade de Educação, UFPel e a 3ª edição realizamos com professores de uma escola da rede estadual de ensino (2013).

pudessem cruzar, por vezes, um mesmo caminho, na medida que ligava um ponto a outro. Deste exercício, traçamos um plano de composição, absorvendo os mais recorrentes para o movimento analítico, são eles: *Nome próprio*, *Olhar*, *Som*, e *Doença*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento que se encontra a produção analítica da pesquisa, trabalhamos em torno do mapeamento das novelas. O que cada rastro nos faz pensar? Por que estes e não outros? Cada um destes pontos que elegemos como rastros poderiam muito bem serem outros ou multiplicarem-se em muitos. Foram possíveis na relação que se efetivou na imanência de uma superfície de sensibilidade entre pesquisadoras e arquivo.

No rastro do *nome próprio* se apresenta uma despersonalização manifestada no instante em que o encontro com outras vozes, formas de ver e dizer a profissão docente se fundem. A criação de personagens, para falar de uma vida, estabeleceu novas conexões e mutações de matéria e função, fazendo emergir não somente uma identidade una, mas um estado subjetivo múltiplo (DELEUZE; GUATTARI, 1995), extraíndo daí um coletivo de mundos díspares. Pelo *olhar*, mostra-se a experiência de abrir coisas e palavras, colocando-se além do que está dado a ver (DELEUZE, 2012). A observação pelo olhar manifesta a abertura de um portal por onde aprendemos a abrir-se ao outro. Trata-se, também, de um trespassamento de fronteiras subjetivas que nos põe em relação com outras formas de existência. O tempo para olhar torna-se necessário para seu próprio amadurecimento, principalmente nesta contemporaneidade, onde somos interpelados pelos fluxos da rapidez e da superficialidade das relações.

O *som* advém como uma linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2014), de modo que a forma de expressão pela música ou, até mesmo por um ruído, busca uma saída para desbloquear uma territorialidade opressora vivenciada por indivíduos num coletivo escolar. A *doença* tida como parada do processo (DELEUZE, 1997) se refaz no proveito de aí recuperar uma potência, um *conatus* (SPINOZA, 2007), ao esforçar-se para continuar a viver. A escrileitura, neste percurso cartográfico, manifestou-se como um empreendimento em cada rastro, na fusão de vozes de um coletivo em nome próprio; na abertura ao outro pelo olhar; na busca por uma saída, pela sonoridade, daquilo que diminui nossa força de agir; na contramão de uma doença, busca-se afirmar a vida nos modos com que se lê e se escreve.

4. CONCLUSÕES

Ao retomar a questão que nos mobiliza nesta pesquisa, podemos afirmar que o movimento de escrileituras, no agenciamento de diferentes matérias da arte, filosofia e ciência dinamiza o exercício docente, naquilo que constitui um outro estilo, na variação dos modos de dizer, ver, ouvir e fazer a docência, ao compor com a nossa própria vida. Apostamos na experimentação da leitura-escrita, como via de mão dupla, uma escrileitura. Um aprendizado que, também, se faz em duas vias, do processo e da transformação. Não se sai do mesmo jeito que se entrou. Este rizoma exige uma predisposição a mudança.

Deixamos de lado aquilo que somos para então nos tornar outra coisa em nossa docência, nem pior, nem melhor, apenas outra. Tal processo nos coloca numa posição de aprendiz-cartógrafo-docente, de modo que recorrer à reprodução e ao senso comum foi o primeiro passo aprendido naquilo que não

serve mais em matéria de potencialidade para a produção de modos de ser e viver. O objeto da pesquisa disparou uma vontade de investigar o estilo, numa didática que tem a vida como princípio. Passamos pelo desejo de intensificar as experiências notáveis em nossa trajetória docente, no que produziram e ainda produzem em matéria de pensamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAZZA, S. M. **Projeto de pesquisa**: Escrita: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, 2011.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G. **Sobre o teatro**: um manifesto de menos; O esgotado. Trad. Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. Cíntia da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloisa Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- SILVA, C. L. L. **Sobre o mal-estar docente**: constituindo percepções a partir de um grupo de professores da rede pública estadual de ensino do RS. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal de Pelotas.
- SPINOZA. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.